

peças iconográficas e à restauração das coleções preciosas. Em três anos de diretoria não fez outro relatório. Nada ficou documentado, portanto, a respeito de suas realizações.

A falta desses relatórios vem a ser uma lacuna muito sentida pelo historiador, que se vê constrangido a fazer apelo tão-somente à memória dos funcionários mais antigos, cujos depoimentos são, na maior parte das vezes, emocionais e contraditórios. Sabemos que não é fácil fazer a história do presente, devido ao excessivo montante de informações; paradoxalmente, a dificuldade se agrava ainda mais quando os seus protagonistas teimam, pelos mais diversos motivos, ou sem motivo aparente, em não fazer história.

Entre 1945 e 1971, o Brasil, por sua vez, continuou no seu longo e acidentado treinamento republicano, com altos e baixos bastante acentuados na curva representativa do seu anseio democrático. Em 1945, as Forças Armadas depõem Getúlio Vargas e a ditadura do Estado Novo; em 1946, é eleito Presidente da República o marechal Eurico Dutra; em 1947, é criada a Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, iniciando-se, então, no dizer de Darcy Ribeiro, a grande caçada aos velhinhos para obrigá-los a ler não se sabe bem o que, enquanto as crianças e adolescentes continuam sem escola; em 1951, Getúlio Vargas reassume o Governo, dessa vez eleito pelo povo e não como ditador. Aí, surgiu um incrível paradoxo: Getúlio inicia talvez o mais democrático governo do Brasil até então, e os mesmos militares que o depuseram em 1945 por ser ditador, tentam depô-lo, agora (1954), por ser democrata. Ele prefere o suicídio à deposição. Em 1956, foi eleito presidente da República o Dr. Juscelino Kubitschek, que mudou a capital do país para Brasília e, no meio das intermináveis discussões sobre o que seria e o que não seria transferido para a nova capital, "assumiu o compromisso público de não retirar do Rio a Biblioteca Nacional"²³. Parece incrível, mas existiu, realmente, um movimento para levar a Biblioteca para Brasília. Como se uma Biblioteca Nacional, sobretudo do porte da nossa, fosse algo sujeito aos ventos da política ou, até mesmo, visto o montante numérico do seu acervo, algo de transportável, estrada afora, sem necessidade, sem uma força maior que a impelisse, sem um outro Napoleão